

NAS TRILHAS DA EDUCAÇÃO POPULAR: SABERES DA EXPERIÊNCIA

CRISTIANO DE FRANÇA LIMA

Doutor em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra – Portugal, cristiano.fralima@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre Educação Popular nos dias atuais, além de demandar o resgate da sua historicidade, solicita a identificação e a contextualização dos sujeitos e espaços coletivos e suas formas pedagógicas de se educarem a si mesmos. Conseqüentemente, facilitará a compreensão dos dilemas, das vicissitudes e perspectivas da diversidade de experiências de educação em sua aproximação com a cultura e dinâmica popular.

Formulada nos processos de organização e luta popular no Brasil e em toda América Latina, a Educação Popular é compreendida enquanto uma prática educativa que vincula a educação e a política, no intento de contribuir para a emancipação humana. Por isto, assenta-se na ideia de uma educação libertadora.

Diante dos dilemas que a realidade nupérrima nos apresenta, torna-se crucial perscrutar os óbices no desenvolvimento das experiências de produção e apropriação de saberes pelos sujeitos coletivos. Neste sentido, também é central reconhecer as perspectivas que estas experiências trazem para o fortalecimento do Movimento de Educação Popular nos territórios onde as mesmas acontecem.

O que se busca refletir neste trabalho são as vicissitudes e possibilidades de uma experiência coletiva de Educação Popular, no processo de produção e apropriação do saber pelos seus sujeitos, e os seus aportes para a organização popular no território local. A experiência em causa é de um coletivo que se denomina Equipe da Sala Onjó Pindorama, localizado na cidade pernambucana de Vitória de Santo Antão.

Olhar, na perspectiva de extrair apontamentos teórico-práticos, para sujeitos coletivos em movimento, apresenta desafios à pesquisa científica. A complexidade de toda e qualquer ação coletiva exige do pesquisador esmero nas conclusões e, também, disposição para, ao pesquisar, ser pesquisado pelos sujeitos interlocutore/as da pesquisa. O lugar de pesquisador é afetado pelas próprias experiências destes. Neste sentido, este trabalho é esboçado por várias mãos, vários corpos, sentimentos e esperanças que se cruzam, se mesclam, se diferenciam, se pluralizam, se afetam mutuamente.

O termo 'sujeito/as interlocutore/as' ao se referir aos participantes da pesquisa, aqui é usado uma vez que melhor expressa o domínio que este/as têm em interpretar e (re)conhecer às suas realidades de forma igualmente significativa em comparação ao pesquisador.

2. METODOLOGIA

O artigo em tela é resultado da minha inserção direta na coordenação das ações e atividades promovidas pela Equipe da Sala Onjó Pindorama, desde a sua fundação em 2017. É das várias discussões internas e, principalmente, dos momentos de avaliação das ações e atividades, que emerge a temática aqui desenvolvida. A busca por refletir sobre os dilemas e as possibilidades da produção e apropriação de saberes por meio da experiência coletiva em movimento da Educação Popular, é a intenção desta pesquisa.

Entende-se, de acordo com Freire, que “existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo e modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (2017, p. 108).¹ Logo, a pesquisa ocorre no contexto da práxis do/as sujeito/as interlocutore/as, na dinâmica da ação-reflexão-ação. Pode-se, assim, afirmar que, quanto à sua natureza, se caracteriza por ser qualitativa na sua totalidade.

Quanto aos procedimentos metodológicos, realizou-se uma revisão de literatura em que foi identificada a bibliografia pertinente à temática, analisando-a a partir de uma leitura crítico analítica, como “[...] processo de decodificação de um texto escrito, com vistas à apreensão/recepção da mensagem nele contida.” (SEVERINO, 2009, p.13).

A coleta de dados se deu durante as reuniões da equipe, nas quais o/as sujeito/as interlocutore/as pronunciavam acerca das suas vivências na condução e promoção das ações, avaliando-as, projetando-as e dando sentido as mesmas. Estas reuniões aqui são consideradas como momentos pedagógicos da palavra, nos quais aquele/as vão da vivência para a experiência.²

3. RESULTADOS

A equipe da Sala Onjó Pindorama, sujeito interlocutor da pesquisa em causa, pauta-se na Educação Popular no desenvolvimento de suas ações educativas e sociais. Constituída por seis membros, dos quais cinco

1 Grifos do autor.

2 Esta questão será explicitada mais adiante do trabalho.

são pedagogo/as,³ caracteriza-se pelo interesse às questões que orbitam a educação, inspirada pela filosofia paulofreireana. Adota, entre suas características,⁴ a dialogicidade, um dos pilares desta filosofia.

O olhar para uma experiência de Educação Popular, focando nas ações e na dinâmica da Equipe da Sala Onjó Pindorama, em primeiro lugar, implicou em elucidar que este estudo trata-se de uma pesquisa dos saberes da experiência. Consequentemente, implicou em uma ação de pesquisa no/do cotidiano (OLIVEIRA; ALVES, 2001) e com o cotidiano (FERRAÇO, 2003).

O receio de desperdiçar a experiência torna-se uma constante em todo o processo da elaboração científica do olhar sobre esta, uma vez que “experiência e subjetividade são inseparáveis nas suas constituições” (MACEDO, 2015, p. 25). Não é possível captar toda a complexidade inerente à experiência, levando o trabalho do pesquisador além da observação, mas de parceiro na experiência. Desse modo, um dos primeiros resultados do estudo, é a identificação de que os saberes produzidos a partir das ações da Equipe da Sala Onjó Pindorama são saberes da experiência, valorizados no processo dialógico (FREIRE, 2011; 2017). Estes saberes resultam do vivido pensado (MACEDO, 2015).

As reuniões de estudo e avaliação das ações da própria equipe são momentos pedagógicos da palavra, visto que são nestes que os seus participantes vão se constituindo, por meio das suas narrativas, sujeitos da experiência. Eles passam da vivência para a experiência. Ou seja, o vivido ganha sentidos que podem ser traduzidos como saberes. Estes são mediados pelas subjetividades dos sujeitos individuais, por isto, as vivências narradas são revestidas de relevância para a produção e apropriação, por aqueles, de saberes, não apenas de informações decodificadas em teorias, mas da relação experiência/sentido.

Entretanto, por fatores que merecem ser aprofundados, os membros da equipe carecem perceber as contribuições heurísticas desses saberes da experiência. Desperdiçam o caráter movente, ou seja dinâmico da própria experiência, ao não compreenderem estes saberes como ação, como movimento (ação-reflexão-ação).

3 O outro componente é sociólogo.

4 Tem como características, além da dialogicidade, a pluralidade, a circularidade, o conhecimento e o voluntariado. Vide: <https://salaonjopindorama.wixsite.com/onjo/a-sala>.

A dinâmica organizacional do sujeito coletivo interlocutor desta pesquisa fornece substratos à perspectiva dialógica da produção e apropriação de saberes, mas é necessário que encontrem dispositivos que facilitem a sistematização desses saberes da experiência, evitando, entre outros, o seu desperdício como um capital experiencial.

Palavras-chave: Educação Popular; Saberes da Experiência; Sujeitos de Saberes.

REFERÊNCIAS

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. *In*: GARCIA, R. L. (org). **Método:** pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: D&P, 2003, p. 45-57.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. **A pesquisa no/do cotidiano das escolas:** sobre redes e saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SEVERINO, A. J. **Como ler um texto de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009